

232
CUBA E ESTADOS UNIDOS

A impressão que tive da Revolução de Cuba é de que não apenas ela não é comunista como também não é informada por nenhuma filosofia ou doutrina determinada. Nem é liberal nem é guiada por nenhum pensamento a que honradamente se possa chamar de totalitário, da esquerda ou da direita. Tem muito de muitas outras revoluções latino-americanas, mas desce de principalmente da mexicana.

Assim as suas metas principais estão na reforma agrária e na luta anti-imperialista. Para um cubano essas duas palavras soam de maneira muito mais aguda e urgente que para um brasileiro. O problema da terra é mais clamoroso porque a terra é escassa — estamos em uma ilha — e o regime de sua propriedade tendia a aumentar todo o ano o número de desempregados e a falta de mercadorias essenciais à alimentação e ao vestuário.

Quando ao domínio do capital americano, eu diria simplesmente que a ilha paga o pecado de não ser um Estado dos Estados Unidos. Econômica e estrategicamente era esse o seu destino. Houve muito cubano e também muito americano que mais de uma vez pensou nisso — não esqueçamos que foram os americanos que ajudaram Cuba a sacudir o domínio espanhol; mas também houve muito cubano cioso de sua independência e muito americano (notadamente racistas do sul) achando que a ilha seria um socio indesejável na Federação.

Darei um exemplo. A cana de açúcar dá em Cuba como em nenhuma parte do mundo. Enquanto aqui temos, depois do primeiro corte, uma soca e às vezes uma precária ressoca, lá a produção pode continuar por vários anos — a media parece 8 — sem replantio. Apesar da cultura ser extensiva, a produção por hectare, baixa em relação por exemplo à caprichadíssima plantação da Florida, tem maior rendimento em sacarose: muito menos cana dá muito mais açúcar. Além disso Cuba tem riquezas mine-

rais que faltam ou escasseiam nos Estados Unidos.

Se a Ilha fosse um Estado americano, seria, só por esses dois motivos, um Estado rico. Não sendo, o que acontece é que o açúcar é exportado em bruto para ser refinado nos Estados Unidos e também que uma boa parte de sua renda é exportada como lucro de companhias americanas. Quanto às reservas de minérios, estavam totalmente em mãos de americanos, que nunca pensaram em industrializá-las e só costumam lançar mão delas em caso de guerra e outras emergências. Assim a economia sofreu toda uma distorção para atender ao fabuloso mercado vizinho. No lugar de um irmão rico da Federação, Cuba ficou sendo um primo potencialmente rico mas na realidade pobre — uma espécie de senhor de engenho trabalhando para o usineiro e para o banqueiro americano.

A revolução não destruiu nem a dependência econômica nem estratégica de Cuba, mas lhe dará como que um "status" melhor na comunidade norte-americana, e tende a elevar o nível de vida de seu povo ou diminuir a incrível diferença entre ele e o do norte-americano. Esta minha linguagem talvez não agrade a nenhum cubano (nosso amigo Marx substituiu a importância histórica do sentimento nacionalista) mas o que quero dizer é mesmo isto: condenada a uma ligação estreita com os Estados Unidos (a Rússia sempre será um "flirt" tão inconsequente que nem mesmo o mais ousado nacionalista cubano ameaça a existência da base americana existente na Ilha), Cuba, através de sua Revolução, procura mudar os termos dessa ligação a seu favor. Quer, para seu povo, uma vida mais decente e, está em condições de conseguir isto. Muitos interesses americanos espernearão, mas são interesses de indivíduos ou grupos; no fundo, o interesse econômico e político dos Estados Unidos está em ter como aliado, a 90 milhas da Florida, dominando as rotas do Golfo do México e do Canal de Panamá um povo próspero e realmente amigo.